

# Noite sem Fim

O ALÉM-MAR  
LIVRO UM

ROBERTO CAMPOS PEILLANDA

1ª edição - 2011



São Paulo - Brasil

Copyright © 2011 Tarja Editorial

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora e do autor, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

1ª edição em dezembro de 2011  
*Impresso no Brasil*

EDITORES: Gianpaolo Celli  
Richard Diegues

REVISÃO: Camila Fernandes

PROJETO GRÁFICO: Richard Diegues

ILUSTRAÇÃO CAPA: MilaF

DIAGRAMAÇÃO: Richard Diegues  
(CAPA E MIOLO)

---

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NÃO PUBLICAÇÃO (CIF)**

---

Noite Sem Fim - O Além Mar / Roberto Campos Pellanda. --  
São Paulo : Tarja Editorial, 2011.  
ISBN 978-85-61541-41-5

1. Romance: Literatura brasileira - I. Pellanda, Roberto  
Campos. - II. Fantasia. .III. Romance

---

CDD-869

**ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:**

1. Romance : Literatura brasileira

869



LITERATURA FANTÁSTICA  
MUITO ALÉM DOS GÊNEROS

[2011]

*Noster Anno Mirabilis*

TARJA EDITORIAL LTDA.  
Rua Silvio Rodini, 399 - cj. 34  
Parada Inglesa - São Paulo  
CEP 02241-000 / SP  
editora@tarjaeditorial.com.br  
Twitter: @tarjaeditorial  
www.facebook.com.br/tarjaeditorial  
www.tarjaeditorial.com.br  
www.tarjalivros.com.br

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são fruto do inconsciente de seu autor. As citações não são intencionais e servem apenas para embasar as histórias e dar mais prazer ao leitor, não chegando nem mesmo perto da ideia de ofender os vivos ou mortos. Todas as opiniões expressas nessa obra pertencem ao seu autor, mas o editor concordou em publicá-las, portanto, partilhar delas. Os animais que porventura foram feridos, molestados e traumatizados durante a produção da obra (exceto algumas monstruosidades de além'mar, que realmente mereciam o fim que tiveram) receberam tratamento e passam bem. A cola usada na lombada pode conter glúten. Sim, exercício provoca enfarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!

# Noite sem Fim

O ALÉM-MAR  
LIVRO UM

ROBERTO CAMPOS PEILLANDA





# apresentação

---

Melhor do que tentar enquadrar *Noite sem Fim* em um único gênero literário é explicar do que se trata a história.

A Vila é uma pequena cidade com características medievais: calçadas de pedra iluminadas pela luz amarelada de postes com lâmpões pendurados. Os habitantes da Vila vivem envoltos por uma escuridão eterna: é sempre noite na cidade.

A Vila vive sob a rígida lei dos Anciãos: a cada seis meses, um galeão deve partir para o Além-mar. Como todos sabem, os navios nunca retornam.

A história é contada pelo ponto de vista de um garoto de catorze anos, Martin, que se tornou órfão há seis meses quando o pai embarcou em um navio para o Além-mar. Como personagens centrais, além de Martin, existem Maya, a filha do livreiro da Vila (e amor impossível de Martin) e Omar, o seu melhor amigo.

O livro é centrado no trio e irá focar no seu amadurecimento e na poderosa amizade que os une. A trama seguirá a jornada de Martin em busca de repostas: por que o pai foi

voluntário em um navio? O que há por trás do terrível regime Ancião? Quem são os monstros que vivem no Além-mar e que, de tempos em tempos, incursionam na Vila trazendo morte e destruição?

A jornada de Martin será também interior: as respostas que ele busca o farão crescer e darão sentido ao seu passado. No longo e perigoso caminho, o apoio de Maya e Omar serão decisivos.

*Noite sem Fim* é, antes de mais nada, uma declaração de amor aos livros. Ao longo de todo o desenrolar da trama eles estarão presentes: Martin é apaixonado pela filha do livreiro; livros proibidos (e um clube de leitura) são o ponto de partida para muitas revelações; Martin descobre que, no passado, seu pai havia sido o fundador de uma importante editora de livros proibidos da Vila.

A epopeia de Martin, Maya e Omar trata de amor, coragem e família e creio que terá apelo ao público adulto e adulto jovem em igual medida.

# ndice

---

## PARTE I

- 13. *I – As coisas que aconteceram depois que o Intrepid partiu*
- 47. *II – A cadeira de madeira voltada para o mar*
- 57. *III – A Cerca*
- 73. *IV – Livros Proibidos*
- 89. *V – O clube de leitura*
- 125. *VI – O último encontro*
- 133. *VII – O recanto mais escuro da Vila*

## PARTE II

- 159. *VIII – O exílio*
- 177. *IX – Uma neblina diferente se forma e pessoas começam a desaparecer*
- 219. *X – Verdades reveladas pela neblina*
- 231. *XI – Os faróis se acendem*
- 249. *XII – O Firmamento*
- 269. *XIII – A Carta de Cristovão Durão*
- 279. *XIV – O Firmamento parte para o Além-mar*

*Para o meu pai*

*Há algo mágico: continuo comprando livros.  
Não posso ler todos, mas a sua presença me  
ajuda... essa gravitação silenciosa, sentir que  
estão ali...*

*Jorge Luis Borges*

*Sempre imaginei que o paraíso fosse uma es-  
pécie de livraria.*

*Jorge Luis Borges*



É sempre noite na Vila.

A Vila é um lugar sereno; calçadas de pedra iluminadas pela luz amarelada dos lampiões.

A cada seis meses um navio deve partir para o Além-mar. É a Lei dos Anciãos.

Os navios nunca retornam.

Todos temem o horror sem nome que vem do Além-mar.

Saber demais é perigoso. Alguns livros são proibidos. É a Lei dos Anciãos.

É sempre noite na Vila; e nenhuma noite é mais escura do que a noite da Vila.



PARTE

I





# apítulo I

---

## As coisas que aconteceram depois que o *Intrepid* partiu

Martin chegou ao seu local favorito de observação, junto ao porto da Vila. O lugar não passava de um pequeno recuo na calçada, perto de onde a rua se abria para o cais do porto; tinha apenas um banco, próximo da mureta de pedra, além de um poste de iluminação com os lampiões do mesmo tipo que podia ser encontrado em qualquer parte da Vila.

Acomodou-se no banco e inclinou o corpo para frente, de forma a apoiar o tronco na mureta e deixar a cabeça repousando sobre os braços cruzados. Aquela seria a posição ideal para observar o *Intrepid* desaparecer na escuridão do oceano.

Estava sozinho ali, mas percebeu que havia uma pequena plateia com aspecto melancólico, também assistindo à cena no cais ao lado. Decerto, eram familiares ou amigos de algum tripulante do navio; não deu bola para eles e se concentrou na silhueta do *Intrepid*, já com velas ao vento, agora a uns bons duzentos metros de distância do cais. Estava atrasado.

A lua cheia que acabara de nascer já ganhava altura, abrindo caminho no céu estrelado. O luar irrompera as sombras e agora iluminava os contornos da Vila e o mar que se espalhava adiante. O rastro do navio era um ondulado pintado de branco na luz prateada e oscilava como se acenasse em despedida. O vento soprava suave como palavras sussurradas ao pé da orelha. A temperatura era amena e agradável. Pequenas nuvens salpicavam o céu, mas não ousavam encobrir a lua, soberana daquele início de horário de descanso. Martin agradeceu a sua presença; sem ela, pouco veria da partida do *Intrepid* em meio a escuridão que sempre imperava na Vila.

Observou outra vez as pessoas que olhavam o navio partir e sentiu-se de alguma forma ligado a elas: tinha certeza de que eram familiares e amigos dos tripulantes. Não sabia ao certo como chegara àquela conclusão, mas parecia óbvio; talvez fosse pelo olhar perdido no mar, ou talvez por que, em vez de conversar uns com os outros, apenas se abraçavam e se confortavam em silêncio.

Assistir ao *Intrepid* partir, a forma orgulhosa do galeão iluminado fundindo-se lentamente com a escuridão, deixava-o mais triste do que de costume. Lembrou-se de como era bom ter uma família; fazer parte de alguma coisa e ter alguém com quem se preocupar. A cena trazia à tona, de uma só vez, o motivo pelo qual não podia contar com mais ninguém.

É claro que havia o tio Alpio, com quem agora morava, mas sabia que o tio não gostava dele. Na verdade, nem tio por completo ele era. O meio-irmão do seu pai nunca havia sido próximo deles e, afora terem sido criados juntos,

Martin não conseguia apontar outra coisa que o pai e o tio tivessem em comum.

O filho único do tio Alpio era um problema à parte. Com quinze anos (um a mais que Martin) Noa tinha um temperamento oposto ao seu. Como era de se esperar, o primo não havia gostado nem um pouco que Martin tivesse tido de se mudar para a sua casa. Noa fazia questão de lembrá-lo disso sempre que podia.

De modo geral, a exemplo do pai, Martin percebia que nada tinha em comum com os dois e, como a esposa do tio falecera no parto de Noa, não havia mais ninguém para tentar melhorar a situação. O resultado era que a única coisa de que gostava no novo lar era da Ofélia, uma morfélia que cuidava da casa. Martin não conseguia evitar de achar graça: o melhor da casa era uma morfélia. Aquilo resumia tudo.

Seu pai havia desaparecido no mar há seis meses em um navio idêntico ao *Intrepid*. A cada dia que passava, sentia mais a sua ausência. Omar, seu melhor amigo, dizia que se acostumaria a viver sem ele, mas Martin não estava certo disso. Talvez, com o tempo, passasse a guardar apenas as boas lembranças da vida em família. Era possível que fosse verdade, mas agora parecia que esse tempo ainda estava muito distante.

O processo de aceitar que o pai havia mesmo desaparecido (como todos os outros que embarcavam para o Alémar) tinha sido difícil. Logo no começo, mesmo precisando mudar de casa, mantinha a rotina como se nada tivesse acontecido; achava que o pai retornaria a qualquer momento e tudo voltaria à normalidade. Com o passar do tempo, viu que a vida na Vila seguia no mesmo ritmo sem pressa de

sempre e, aos poucos, entendeu que todos já haviam se esquecido do navio que partira. Percebeu que o pai não retornaria e que o mesmo valia para todos os outros tripulantes. A Vila toda sabia e aceitava aquele fato.

A partida dos navios a cada seis meses era a batida que embalava e dava o ritmo da vida na Vila. Com a de hoje, a melodia se reiniciava e o mesmo ciclo se repetia: hoje o *Intrepid* era lágrimas, amanhã saudades e depois apenas uma lembrança. Olhando assim, pensou, a coisa toda não parecia certa.

Emergiu de seus pensamentos e percebeu que o *Intrepid* estava quase na linha do horizonte; apenas uma pequena saliência iluminada no limite do mundo. As pessoas já deixavam o cais para ir embora e aquela era sem dúvida a coisa certa a se fazer naquele momento. A partida do navio o lançara em um estado de letargia e teve vontade de ficar ali, olhando para o mar até cansar. Pensava não só no pai, mas também em tudo aquilo que os tripulantes do *Intrepid* iriam encontrar.

Um arrepio percorreu seu corpo; Martin endireitou-se e cruzou os braços para se proteger da súbita sensação de frio. A ideia de que poderiam encontrar aqueles cujo nome não se dizia provocara a reação. Perguntou-se se a jornada valia aquele risco terrível. Achava que não; nunca poderia concordar com aquilo. Se dependesse dele, nenhum outro navio jamais deixaria o porto da Vila.

Não havia mais dúvida de que a hora de ir embora já tinha passado. O *Intrepid* sumira no horizonte, o cais estava vazio e as ruas, silenciosas. Os únicos sons no ar eram das ondas batendo contra as pedras e de uma carruagem



disparando ao longe. Calculou que, àquela altura, Ofélia deveria estar servindo o jantar e o tio Alpino certamente se zangaria com a sua ausência. Decidiu partir; não que estivesse com fome, mas naquele momento a última coisa que queria era brigar com alguém. Só desejava entrar debaixo das cobertas e tentar imaginar o *Intrepid* em sua primeira noite no Além-mar.

Levantou-se e caminhou arrastando os pés em direção à rua que, a partir dali, afastando-se do porto, entrava num aclive suave. Na parte sul da Vila, para onde estava indo, a rua ficava em um plano um pouco mais alto e era separada do mar por uma pequena parede rochosa. Nas outras partes da cidade, a rua ficava quase nivelada com o oceano e era separada dele por uma mureta baixa de pedra – a mesma sobre a qual se debruçara há pouco.

Dobrou à esquerda na primeira perpendicular à rua do Porto e entrou na Vila, afastando-se do mar. Andava fitando o chão, as pedras retangulares do calçamento refletindo uma luz ambígua, em parte prateada pelo luar e em parte amarelada devido à luz dos lampiões pendurados nos postes. O caminhar preguiçoso revelou sons e odores que normalmente ignoraria: o tilintar de pratos e o burburinho suave das conversas, associados ao perfume de comida recém-preparada, indicavam que famílias estavam reunidas para o jantar.

Viu-se envolto no ar de melancolia que exalava uma vizinhança residencial típica da Vila. A rua por onde passava era semelhante a qualquer outra na cidade: casas de um ou no máximo dois andares, todas feitas de pedra e algumas revestidas com um reboco branco. Exibiam telhados

angulosos, pontuados por chaminés solitárias. Na Vila também havia alguns prédios, mas eram pequenos, nunca com mais do que três andares. De modo geral, as construções eram todas muito parecidas e tinham as mesmas janelas quadradas das quais emanava o brilho amarelado que Martin sempre achava que era a característica mais marcante da Vila. Não que conhecesse outras vilas – é claro que não conhecia; se é que elas existiam.

Na verdade, ninguém na Vila (com exceção daqueles que iam para o Além-mar) conhecia qualquer outro lugar. Os Anciãos, aqueles que supostamente sabiam de tudo, afirmavam com veemência que a Vila era única no universo. Eles diziam que era por isso que os navios que se afastavam muito jamais retornavam: eram engolidos pelo vazio. Também era por isso que os barcos pesqueiros, quando saíam para o mar, eram proibidos de perder de vista as luzes da Vila; se o fizessem, corriam o risco de serem tragados pelo Além-mar.

Martin sempre percebera que os Anciãos defendiam aquele ponto de vista com muito vigor, talvez até mesmo com raiva. Mais de uma vez teve vontade de questioná-los; como podiam ter tanta certeza? Eles próprios nunca haviam deixado a Vila. E por qual motivo os navios zarpavam a cada seis meses para o Além-mar? Por que haveriam de partir se não existia nada lá fora?

Martin viu-se mais uma vez perdido em devaneios. Omar costumava dizer que ele estava sempre pensando demais, maquinando alguma coisa em sua mente. Afirmava que era por isso que ficava triste; seu cérebro estava, na verdade, apenas cansado. Talvez Omar tivesse razão.

Quando chegou à casa do tio Alpio, era seu corpo que estava cansado. Queria mesmo ir direto para a cama, mas sentiu que aquela seria a receita perfeita para mais uma briga. A residência em que agora morava era de bom tamanho, com dois pisos e muito bem conservada. O tio trabalhava como assistente do senhor Victor Goering, o Zelador da Vila. Como um dos auxiliares do mandachuva, a vida do tio Alpio era boa; ele ganhava bem e podia frequentar as lojas com produtos especiais, que só eram abertas para os membros da elite.

Martin entrou na casa e atravessou em silêncio o pequeno vestibulo que se abria para a sala de estar, onde o tio e Noa jantavam. Desejou ser invisível; queria apenas se materializar no lugar de sempre à mesa.

– Atrasado de novo, Martin? – perguntou o tio, sem levantar o olhar da comida.

– Desculpe.

– Onde você esteve?

– Estava olhando o *Intrepid* partir.

– Tinha esquecido que era hoje. Entendo que isso o lembra do seu pai – disse o tio, ainda sem tirar os olhos do prato.

Martin apenas assentiu, enquanto enchia um prato de sopa e se sentava.

– Que espécie de retardado fica olhando um navio partir sem conhecer ninguém da tripulação? – provocou Noa, olhando para o seu pai.

O tio Alpio retornou o olhar como se fosse repreendê-lo, mas mudou de ideia e continuou concentrado na sopa.

– Deve ser difícil para você entender que alguém possa querer ficar parado apenas pensando – disse Martin.

– E o que é que isso tem a ver, imbecil? – disse Noa.

– Viu? É disso que eu estou falando – respondeu Martin, enquanto provava a sopa.

Noa pensou por alguns instantes antes de responder:

– Você está me chamando de burro, seu merdinha?

– Não, Noa, só estou dizendo que você não gosta muito de pensar.

Noa ficou em pé num piscar de olhos, empurrando a cadeira para trás com o gesto; saltou por cima da mesa em direção a Martin, mas não o alcançou. O tio se levantou aborrecido e afastou o filho com o braço. Virou-se para Martin e gritou, enquanto se sentava:

– Martin, cale a boca.

Noa juntou a cadeira e voltou para o seu lugar. Depois de um longo silêncio, o tio completou:

– Comam o jantar, a sopa da Ofélia está razoável.

Seguiu-se um silêncio desconfortável e foi somente então que Martin percebeu o vulto da Ofélia parada junto à mesa.

Era um pouco difícil descrever aquelas coisas que estavam sempre presentes no cotidiano; de tão constantes, faziam com que parássemos de reparar nelas e a mente se esquecesse de registrar os detalhes importantes. Martin achava que era assim com as morfêlias: sempre estiveram por perto, não faziam barulho e não incomodavam ninguém. O povo da Vila costumava se referir a elas como móveis ou utensílios de cozinha ambulantes, falantes e com livre arbítrio. Antes que isso parecesse uma observação insensível, era preciso enfatizar que as morfêlias não tinham sentimentos humanos – elas eram incapazes de se zangar, de ficar tristes ou

mesmo felizes. Morfêlias eram sempre do sexo feminino; não tinham filhos e ninguém sabia ao certo de onde tinham vindo. Eram também conhecidas por sua lógica bem peculiar: as morfêlias distinguiam o certo do errado como se separa o preto do branco, sendo incapazes de raciocínio abstrato ou de imaginação de qualquer tipo.

Fisicamente, as morfêlias eram quase todas iguais e se assemelhavam um pouco com uma gorda senhora de meia-idade, embora fossem, ao mesmo tempo, bem diferentes. Tudo nelas era meio rechonchudo, passando pelo rosto redondo, os dedos em forma de salsichas e os grandes olhos esféricos que faziam com que parecesse que estavam sempre atentas às coisas ao seu redor. O aspecto mais esquisito de uma morfêlia, porém, era sem dúvida a pele: era de um tom pastel fosco, como se fosse um desenho.

Desde pequeno, Martin sempre gostara das morfêlias. Estavam em toda a parte, invariavelmente tinham algo lógico para dizer e nunca eram imprevisíveis, como as pessoas muitas vezes são. Quando tinha uns cinco ou seis anos, nutria o hábito de alugar a primeira morfêlia que encontrasse na rua e lhe contar uma história bem comprida, só para estudar a sua reação engraçada. Na verdade, todos gostavam delas: eram boas trabalhadoras e não causavam problemas. Outro ponto que as tornava populares era que eram responsáveis por ensinar muitas coisas para as crianças da Vila, inclusive a ler e escrever.

– Vi você com o filho do senhor Marcus hoje na praça – disse o tio para Noa, quebrando o silêncio.

Noa largou a colher e fez um gesto com a mão que era um misto de desdém e triunfo.

– Seu nome é Erick e estamos nos tornando bons amigos.

O tio sorriu e abanou as mãos, excitado.

– Excelente, Noa. Essas amizades o levarão longe.

Martin sabia do que o tio estava falando; era o único assunto que parecia interessá-los. O senhor Marcus Verdun, que todos conheciam, era Armador e, portanto, uma das pessoas mais ricas da Vila. Martin não conhecia Erick, mas presumiu que devia ser seu filho.

– Acho que amanhã vou à casa dele – completou Noa.

– Muito bom – anuiu o tio mais uma vez, ampliando o sorriso. – Cultive essa relação e quem sabe no futuro o senhor Marcus não venha a ser a pessoa que irá escrever a carta de recomendação que lhe falta para ingressar na Escola.

– Sim, já pensei nisso e é por esse motivo que fiquei amigo do Erick. Tenho tudo planejado.

O tio Alpino admirou o filho em silêncio.

Eram feitos um para o outro, pensou Martin. A carta de recomendação a que o tio se referira era a condição para um aluno ser aceito na mais prestigiada escola da Vila, a Escola dos Anciãos. Para o ingresso, eram necessárias três cartas, todas escritas por membros importantes da comunidade. Martin calculou que Noa já deveria possuir duas: uma escrita pelo próprio pai e a outra pelo Zelador Victor, que era próximo do tio Alpino. Se conseguisse a do senhor Marcus, Noa teria o problema resolvido.

Martin ignorava por completo aquela possibilidade. Estudar com os Anciãos parecia uma perda de tempo e energia. O pai sempre lhe dizia que era fácil buscar o conhecimento de verdade: bastava ler qualquer livro, desde que ele

não fosse indicado pelos Anciãos. Na ótica dele, era simples assim.

Como todos na Vila, havia estudado até os doze anos de idade na escola das morfêlias. Ali, eram ensinadas as disciplinas básicas, tais como Matemática, Civismo, Bons Costumes e, é claro, rudimentos da Lei Anciã. Depois daquela etapa, as escolas eram pagas e não estavam ao alcance da maioria. O tio nunca abordara a possibilidade de Martin continuar a estudar.

Depois do jantar, Martin deu uma desculpa e foi direto para o quarto; tinha um só para si e precisava admitir que, mesmo não gostando da casa do tio, aquilo era uma coisa muito boa. Tirou a roupa, vestiu o pijama e enfiou-se debaixo das cobertas.

Tentou imaginar o que estariam fazendo os homens a bordo do *Intrepid* naquele exato momento. As luzes da Vila certamente já haviam desaparecido do horizonte. Estavam agora mergulhados na escuridão do Além-mar, sem nada para protegê-los. O que estariam pensando? Qual era a sua missão? Martin se questionava se todos os tripulantes sabiam do motivo da viagem ou apenas os oficiais. Achava, na verdade, que somente o capitão conhecia o propósito da jornada. Na Vila, era certo que ninguém sabia, nem mesmo o Zelador; apenas os Anciãos conheciam a verdade.

O que todos sabiam, inclusive os marinheiros que estavam no *Intrepid*, era da ameaça cujo nome hesitavam em pronunciar, mesmo que mentalmente. Viviam no Além-mar, e o povo desconfiava que eram a principal razão pela qual a maior parte dos navios que partia não retornava. A ideia provocou novamente a onda de frio;

Martin encolheu o corpo para se esquentar e tentou limpar a mente daqueles pensamentos.

Pouco antes de adormecer, teve certeza de que teria aquele sonho outra vez. Vinha tendo-o quase toda as semanas, desde que o pai desaparecera. Nele, caminhava pelas ruas da Vila que conhecia tão bem; havia, porém, algo muito estranho no ar. Ao invés da escuridão habitual, interrompida aqui e ali pela luz vacilante dos postes com os lampiões, existia uma claridade absoluta, vinda de um foco único no céu. Essa fonte de luz era como a lua, mas muito, muito mais potente. A claridade era tanta que tinha feito o mundo mudar de cor e permitido que os lampiões fossem apagados. Era uma imagem bizarra até mesmo para um sonho: os lampiões desligados... Decidiu que contaria o sonho para Omar. Martin o considerava uma das pessoas mais inteligentes que conhecia e imaginava que talvez o amigo tivesse uma explicação razoável para tamanha sandice. Enfim adormeceu e mergulhou em um sono sem sonhos.

Foi acordado, não sabia quanto tempo depois, por sussurros. As vozes pareciam vir do andar de baixo, da sala de estar. Martin não soube ao certo por que, mas foi tomado por uma sensação de urgência; precisava escutar o que elas diziam. Levantou-se da cama, foi em direção à porta do quarto e a abriu com a ponta dos dedos. Não precisou se aproximar mais da escada para entender o que diziam: do local onde estava, já as distinguia claramente. A conversa era entre o tio Alpio e o Zelador Victor. Tentou imaginar que assunto teria trazido o Zelador em pessoa à casa do tio, àquela hora da madrugada. Fez uma concha com a mão junto ao ouvido e concentrou-se nas vozes:



– E o garoto? – a voz do Zelador perguntou.

– Creio que está bem – o tio respondeu. – Continua triste com o desaparecimento do pai, mas não tem agido de maneira estranha ou imprevisível.

– Isso é bom.

– Esta noite estive no porto, assistindo à partida do

*Intrepid.*

– E por que o interesse?

– Não sei. Acho que é apenas uma forma de ele se lembrar do pai. Não vejo o ocorrido com preocupação.

O Zelador Victor pensou por um instante e então disse:

– Pode ser que não, mas não podemos correr riscos com o garoto. O mais importante é que ele deve ser mantido afastado de certas pessoas.

Um novo silêncio e o Zelador acrescentou:

– Essas pessoas o conduziriam para o caminho que não queremos que ele siga.

– Entendo – concordou o tio.

– Ainda mais importante: sua excelência me afirmou pessoalmente que o garoto é motivo de preocupação. Não sei quanto a você, mas nunca tinha visto o Ancião-Mestre receoso de alguma coisa. Devemos levar tudo isso muito a sério. – disse o Zelador. – Por isso, quanto menos ele souber a respeito do pai, melhor. Aquele homem já nos deu muito trabalho.

– Nunca falamos no assunto.

Depois de uma breve pausa o Zelador prosseguiu:

– Quem são os seus amigos?

– Ele faz o tipo solitário. Creio que seu único amigo seja um garoto chamado Omar, o filho do padeiro da rua Pryn.

– Apenas ele?

– Às vezes vejo os dois acompanhados por uma garota; não sei ao certo o nome dela. Talvez seja Maya, ou algo assim. Os três têm a mesma idade.

– Não quero que você adivinhe essas coisas. Você precisa saber tudo a respeito do garoto, deve mantê-lo na palma da mão.

– Certamente. Vou descobrir todos esses detalhes amanhã mesmo.

– Lembre-se: o que estamos fazendo é muito importante e você será recompensado por seu esforço – o Zelador falou e completou: — Tenho grandes planos para você.

As duas vozes silenciaram e Martin imaginou que o Zelador estava indo embora, o que foi confirmado instantes depois pelo ranger da porta da frente. Correu na ponta dos pés de volta para o quarto, encostou a porta com todo cuidado e entrou nas cobertas.

Minutos depois, escutou a porta do quarto ser entreaberta. Estava deitado de lado, de costas para a entrada, mas sabia que os olhos do tio o estudavam desde a soleira. Pouco tempo depois, a porta foi fechada e Martin relaxou um pouco. Sabia que não dormiria mais; a cabeça estava cheia de dúvidas com tudo que acabara de ouvir. A situação era inacreditável: o Zelador, a pessoa mais importante da Vila depois dos Anciãos, vindo até a casa do tio para cochichar sobre ele! Por que haveria de ser tão importante? E qual era o interesse em seu pai? Nada fazia sentido. Não passava de um órfão. Não era ninguém.

Acabou vencido pelo cansaço e adormeceu. Sonhou mais uma vez com a claridade ofuscante; a imagem dos lâmpões desligados não lhe saía da cabeça.

Quando acordou, sentia-se cansado e confuso. A sensação que tinha era a de que a sua vida estava sendo observada por alguém, e Martin não sabia nem por quem e nem por qual motivo. Levantou, vestiu-se e atravessou sorrateiramente a sala de estar; não queria encontrar o tio Alpio ou Noa. Por sorte, os dois já haviam saído; ouviu apenas a Ofélia lavando pratos na cozinha.

Partiu a passos rápidos em direção à rua Pryn, no norte da Vila. Aquela era uma de suas ruas favoritas na cidade, pois concentrava as melhores padarias, delicatêssens e confeitarias. Era lá que ficava a padaria do pai de Omar e Martin sabia que encontraria o amigo no local. Aquele era o plano: contar a Omar a respeito do sonho e – ainda não estava bem certo disso – sobre a conversa que entreouvira durante a madrugada.

O início do horário de trabalho estava nublado e fazia um pouco mais de frio do que na véspera. Como a lua já havia se posto, estava curiosamente mais escuro do que no horário de descanso anterior, quando assistira à partida do *Intrepid*. O relógio interno dos habitantes da Vila, porém, ignorava aqueles contrassensos e todos seguiam normalmente com a rotina. O importante era que se tratava de um novo turno de trabalho e as pessoas, renovadas após algumas horas de sono, saíam de casa para cuidar da vida e conduzir seus afazeres.

A melodia das ruas movimentadas enchia o ar. O som ritmado dos passos rápidos das pessoas nas calçadas; o burburinho das conversas animadas e o ranger das rodas das carroças que congestionavam o trânsito, enquanto transportavam todo tipo de mercadorias. Diante das lojas, comerciantes

instalavam cartazes anunciando produtos para venda, senhoras andavam em bandos admirando vitrines de lojas de sapatos e crianças brincavam por toda parte. Era o típico início de um horário de trabalho.

Quando Martin chegou à praça mais importante da Vila, a Praça dos Anciãos, bem no centro da cidade, ouviu o Grande Relógio anunciar dez horas. Havia dormido bem mais do que planejara e agora corria o risco de não encontrar Omar na padaria, pois o amigo poderia ter saído para fazer entregas em domicílio a pedido do pai.

O Grande Relógio era tão antigo quanto a própria Vila. A enorme estrutura estava esculpida bem no alto da fachada da Casa dos Anciãos, a qual tinha, por sua vez, a entrada principal voltada para a Praça. O indicador do relógio era um disco de bronze com quase três metros de diâmetro e os ponteiros e os números das horas eram feitos de ouro maciço. Cada metade da circunferência do indicador estava pintada de uma cor diferente, sendo que de um lado havia a inscrição “Horário de Trabalho” e, do outro, “Horário de Descanso”.

Quando atravessava a parte central da Praça, viu uma morfélia cercada por crianças junto da estátua do capitão Robbins. Os pequenos estavam sentados no chão de pedra contemplando a estátua feita em bronze, com cerca de dois metros de altura; escutavam atentamente a morfélia falar a respeito da figura histórica mais importante da Vila: “Segundo os Livros da Criação, o capitão Robbins veio do Alémmar e fundou a cidade há cerca de dois mil anos”.

Martin viu-se criança, acompanhado pelo pai, naquele mesmo local. Podia sentir o cheiro dos pães frescos que

eram vendidos em barracas montadas na Praça apenas nos fins de semana. Ouvia a voz grave, mas ao mesmo tempo suave do pai; quase podia escutar o que ele dizia. Quando era menor, vinham juntos à Praça todos os domingos no início do horário de descanso. Era o programa favorito dos dois: sentavam-se em um dos bancos, conversavam, admiravam a estátua e olhavam o ir e vir das pessoas. Normalmente, o pai falava alguma coisa a respeito da história da Vila, um dos assuntos de que mais gostava. Em algumas ocasiões, porém, Martin lembrava que o olhar do pai se desviava para a Casa dos Anciãos e, naqueles momentos, ele se fechava em seus próprios pensamentos. Durante aquele silêncio que só pertencia ao seu pai, Martin tentava imaginar o que é que tanto o absorvia; que lembranças o faziam olhar para a Casa com tanta intensidade, com os olhos semicerrados e a testa franzida.

Quatro quadras depois, dobrou à direita e entrou na rua Pryn. Muito antes de chegar, já sabia que se aproximava do destino por causa do odor que perfumava o ar. A padaria do pai de Omar ficava à esquerda e era ladeada por uma delicatessen e por uma taberna que, àquela hora, estava fechada. A padaria tinha uma grande vitrine de vidro, na qual ficavam expostos os pães e as outras iguarias feitas no local. Havia algumas mesas para clientes na calçada e várias outras dentro do estabelecimento. O interior da loja era espaçoso e, nos fundos, estava um balcão; logo atrás dele, a cozinha com um forno à lenha.

O negócio da família de Omar tinha bastante prestígio na Vila; a padaria era muito conhecida e tinha uma longa lista de clientes importantes. O estabelecimento chegava,

inclusive, a fornecer quitutes para algumas recepções oficiais na Casa dos Anciãos.

Dentro da padaria, encontrou Omar sentado em uma das mesas, devorando um pedaço de pão e bebendo chá. Atrás do balcão, estavam as duas morfêlias que trabalhavam para o pai de Omar, Lucélia e Licélia. Desde que eram pequenos os dois falavam a mesma coisa para elas, como se nunca as tivessem visto antes:

– Prezado Martin, permita que eu apresente a Lucélia e a Licélia – falava Omar, com uma meia medida.

– Bom dia! Por acaso vocês são irmãs gêmeas? – perguntava Martin.

As morfêlias sempre reagiam da mesma forma, incapazes de entender que se tratava de uma brincadeira. Apenas respondiam:

– É claro que não.

Já fazia algum tempo que tinha perdido a graça, mas os dois mantinham o hábito. Brincadeiras assim lembravam Martin do dia em que conhecera Omar. Os dois tinham sete anos e frequentavam a aula de Civismo com a mesma morfêlia. Durante a classe, apesar de nunca terem se falado antes, começaram a conversar e não pararam mais. Perturbaram tanto o ambiente que acabaram sendo postos de castigo juntos. Mesmo assim, seguiram tagarelando durante a punição e, depois daquela ocasião, não desgrudaram um do outro.

Martin sentou-se à mesa com Omar.

– Quer um pão com chá? – perguntou Omar.

– É claro que quero.

Omar sinalizou para as morfêlias e, instantes depois, uma delas (seria Lucélia ou Licélia? Era difícil dizer...)

aproximou-se com um pedaço de pão, geleia e uma xícara com chá.

– E então, o que vamos fazer hoje? – perguntou Martin, passando um pedaço grande de pão com geleia para junto de uma das bochechas.

– Estou cheio de entregas para fazer para o meu pai; você bem que poderia vir junto para ajudar.

Martin deu de ombros; não tinha nada para fazer.

– E o seu pai?

– A mesma coisa de sempre. Ele vive estressado e reclamando que os negócios vão bem, mas, à medida que a padaria tem cada vez mais clientes e dá mais lucro, os impostos que precisa pagar à Zeladoria aumentam ainda mais. Passamos a vida trabalhando para pagar impostos.

– Vocês e todo o resto da Vila.

– É, acho que sim – disse Omar com a voz fazendo eco, afundada na caneca de chá. – E você? Como vão as coisas?

Martin pensou por um instante, tomou um longo gole de chá e por fim desabafou:

– Tenho tido uns sonhos bem esquisitos.

– Me conte tudo – pediu Omar, largando a caneca e entrelaçando os dedos, como se fosse um especialista no assunto.

Martin contou em detalhes o sonho que vinha tendo, não omitindo inclusive o fato de que ele estava se repetindo à exaustão. Enquanto falava, estudou as feições do amigo em busca de algum sinal que indicasse que Omar pudesse achar que estava ficando louco.

Omar era um pouco mais baixo do que Martin, mas de compleição mais reforçada. Tinha os cabelos escuros levemente encaracolados e olhos castanhos espertos um pouco assustados, do tipo que organizava alguma travessura e depois se preocupava com a sua repercussão. Omar era curioso e vivia fazendo perguntas a respeito de tudo ou aprofundado nos livros.

Omar havia sido, junto com seu pai, uma das influências que o tinham levado a gostar de ler; com o passar do tempo, a leitura o tinha aproximado cada vez mais do amigo. Além disso, havia sido em uma livraria (um dos locais favoritos dos dois na Vila), que conhecera a outra grande amizade que tinha: Maya era a filha do dono da livraria e já conhecia Omar há mais tempo.

Depois que Martin terminou o relato, Omar ficou em silêncio, com o dedo indicador balançando na frente da boca fechada, como se refletindo profundamente sobre o assunto. Pelo jeito dele, parecia que a sua boca ia se abrir e produzir uma explicação detalhada sobre o que estava ocorrendo. Em vez disso, ele disse apenas:

– Não tenho a menor ideia do que está acontecendo com você.

– Isso é muito animador, Omar. Achei que você ia sugerir alguma coisa que eu pudesse fazer para me ver livre do tal sonho.

Omar deu de ombros e disse:

– Eu penso em alguma coisa no caminho. Vamos trabalhar; tenho que entregar pães e doces para metade da Vila.

Saíram para a calçada, onde uma carroça os esperava; Lucélia e Licélia já tinham carregado os pedidos embrulhados



na parte de trás. Omar estava certo: estava repleta de pacotes, o que significava bastante trabalho. Martin não ficou triste; na verdade, não tinha nada para fazer e manter-se ocupado parecia uma boa ideia. Acomodaram-se na dianteira, Omar com as rédeas, comandando o cavalo a ir em frente.

Passaram a maior parte do início do horário de trabalho fazendo as entregas por toda a Vila. Conversaram sobre qualquer coisa que viesse à cabeça, desde as bobagens mais sem sentido até assuntos sérios, como a partida do *Intrepid* na véspera.

— Por que é que os navios partem? – perguntou Martin, enquanto Omar parava a carroça em uma pequena praça para o cavalo descansar.

O local era minúsculo, não devia ter mais do que cinco ou seis metros de largura e se abria para a rua em apenas um dos lados; nas demais extremidades, era delimitado por prédios de três andares. No centro, havia uma pequena fonte de pedra. A praça estava bem iluminada pelos lampiões e pela luz que vinha das residências que a cercavam a tão pouca distância.

— Ora, que tipo de pergunta é essa?

— É sério, por quê? Em primeiro lugar, nunca nos dizem qual o objetivo da viagem; em segundo, ninguém sabe por que alguns são escolhidos para a expedição e outros não; e, por último e mais importante: os navios raramente retornam. É como uma missão suicida.

— É por isso que você nunca pensou na possibilidade de o seu pai estar vivo – disse Omar, pulando da carroça para esticar as pernas.

— Quantos navios retornaram nos últimos anos?

Omar olhou para cima com a mão coçando o queixo.

– Creio que apenas um neste século.

– Acho que seria bobagem esperar que ele voltasse – disse Martin, descendo da carroça e parando junto de Omar com os braços cruzados.

– Todos conhecem a história do tal navio, o *Horizonte*. Ele deve ter retornado uns dez ou quinze anos antes de nós dois nascermos – disse Omar.

– Pelo que sei, quando retornaram, os tripulantes do *Horizonte* estavam todos malucos e foram trancafiados na masmorra da Zeladoria.

Omar pensou por um instante e disse:

– Eu concordo que é estranho, mas é assim que as coisas são. Você sabe que tudo isso é determinado pelos Anciãos; eles têm os Livros da Criação e sabem o que é certo fazer para garantir o bem-estar de todos.

– Parece uma frase decorada, daquelas que as morfêlias nos fazem aprender quando estão nos ensinando a ler.

Omar deu de ombros.

– Pode ser. Você pensa demais e eu estou com fome. Estamos perto da casa da dona Anna, vamos tentar conseguir um almoço – disse Omar, subindo de volta na carroça.

Dona Anna era uma costureira que morava ali perto. Ela era esposa do senhor Alphonse, um dos assistentes do Zelador Victor, tal como o tio Alpio. O Zelador e seus assistentes eram as autoridades mais importantes da Vila, exce- tuando-se os Anciãos, é claro. Dona Anna tinha perdido o único filho havia muito tempo no Além-mar e desconfia- vam que era por isso que ela os acolhia; sentia saudades do filho e conviver com eles, de alguma forma, lhe fazia bem.

Para não fugir da regra, ela requentou um assado e a sopa do almoço, que ambos prontamente devoraram. Como agradecimento, Omar deixou uma torta especial feita pelas morfêlias.

Decidiram ir à Praça dos Anciãos, onde ficava a livraria da família de Maya. No caminho, Martin decidiu contar a Omar a respeito da conversa que ouvira na madrugada entre o tio e o Zelador Victor. Sabia que o assunto fisgaria Omar, que era louco por um mistério (ou uma fofoca). À medida que a história se desenrolava, Omar parecia cada vez mais perplexo.

– Rapaz, é uma história e tanto. Nunca gostei daquele seu tio, ele sempre me pareceu um duas caras.

– A conversa não faz sentido nenhum para mim. Vigiar os meus passos, me afastar de certas pessoas, conhecer os meus amigos... é maluquice.

– Bem, se envolve o Zelador da Vila em pessoa, posso garantir que é algo sério. Precisamos descobrir do que se trata.

– Precisamos? – perguntou Martin levantando uma sobrancelha.

– É claro! Fui citado na conversa, não fui?

– Acho que sim. Alguma sugestão do que devemos fazer? – perguntou Martin, achando graça na reação de Omar.

– Acho que você deve procurar alguma pessoa inteligente, um sábio ou algo do gênero.

– Como um Ancião?

– Se há tanto sigilo em torno da questão, a ponto de o Zelador ter ido confabular com o seu tio durante a madrugada, creio que você deve procurar uma opinião independente.

– Você quer dizer, alguém que não seja um Ancião?  
Omar assentiu.

Pensou no assunto: tinha lógica. Faria perguntas, mataria a curiosidade e não chamaria atenção para si. Questão encerrada. Era por isso que gostava de contar as coisas para Omar: ele sempre tinha boas ideias.

– Alguma sugestão de sabichão?

– Não, mas aposto que a Maya deve ter.

– Não precisa dizer mais nada – disse Martin, tomando às rédeas das mãos de Omar.

A livraria da família de Maya ficava na Praça dos Anciãos, junto com várias outras lojas. No lado oposto da praça estavam a Casa dos Anciãos e o Grande Relógio. Ao chegar, perceberam que havia uma grande concentração de pessoas na Praça, mas não perderam muito tempo tentando descobrir o que era. Deixaram a carroça na rua em frente à livraria e desceram.

A livraria era uma loja maior do que a padaria do pai de Omar, mas tinha a mesma vitrine de vidro, que ali, naturalmente, exibia livros e não pães. Os livros à venda eram todos aprovados pelos Anciãos, que antes os examinavam e diziam se eram seguros ou não para a população. Martin nunca compreendera aquela censura e sempre se perguntara de que forma um livro poderia “não ser seguro” para alguém.

A porta estava aberta e a princípio os dois não viram ninguém dentro da livraria. No interior da loja, havia uma estante baixa com livros à frente e à direita e um balcão à esquerda. O ambiente estava iluminado por um lampião que pendia do teto e ainda por várias velas espalhadas aqui e ali.

Atrás do balcão e em direção aos fundos, várias estantes altas, repletas de livros, se enfileiravam.

– Olá? – chamou Martin.

Por detrás do balcão surgiu a silhueta de Maya; ela estava agachada, recolhendo livros que haviam caído no chão. Martin a conhecia há vários anos, mas cada vez que a via seu corpo tinha a mesma reação que ele desistira de tentar controlar: as pernas perdiam um pouco da firmeza, os joelhos quase se dobrando; o coração pulsava fora de ritmo por uma ou duas batidas e uma onda de calor se assoprava junto das orelhas.

Na concepção de Martin, Maya era um anjo caído na terra. Ela tinha a mesma idade deles e mais ou menos a mesma altura. Seus cabelos louros eram lisos e compridos e sempre havia uma pequena mecha pendendo sobre a testa. Os olhos eram verdes e intensos e os traços do rosto, delicados e perfeitos. Maya era magra, mas não esquelética.

– Olá, meninos – disse em sua voz doce.

– Olá – responderam os dois em coro.

– Seu pai está? – perguntou Martin.

– Não, saiu. Por quê?

– Martin tem um terrível segredo para lhe contar que também diz respeito a você – exagerou Omar, abrindo um sorriso malicioso.

– Diz respeito a mim? – perguntou ela inclinando-se na direção deles, as mãos pousando no balcão.

Martin contou em detalhes a conversa do tio com o Zelador Victor e depois comentou a sugestão de Omar de que deveria procurar alguém não ligado aos Anciãos para fazer algumas perguntas. Maya escutou atentamente,

inclinando-se ainda mais para frente, os olhos fixos nos seus. Quando Martin terminou o relato, ela pensou por alguns instantes e disse:

– Olha, Martin, não vou dizer que essa conversa não seja estranha, é claro que é; mas talvez também haja um pouco de paranoia sua. Talvez o seu tio só esteja preocupado com você.

Martin refletiu um pouco a respeito, mas não se convenceu. Havia alguma coisa fora de lugar. Não sabia ao certo o que era, e talvez em parte fosse paranoia mesmo, mas achava que estavam escondendo algo dele. Podia sentir isso e sabia de onde vinha parte dessa inquietude. Depois que o pai desaparecera, tinha quase que automaticamente começado a repassar detalhes da sua vida com ele. À medida que fazia isso, era tomado por uma sensação estranha: sabia menos coisas a respeito dele do que gostaria. Relembrando vários acontecimentos, dava-se conta de que a vida do pai havia sido mergulhada em segredo. Às vezes, ele saía no meio de um horário de descanso, enquanto toda a Vila dormia, para fazer algo que Martin nunca descobrira o que era. Com o sono leve, apenas escutava o pai sair e, horas mais tarde, retornar.

– Talvez você tenha razão – disse Martin, percebendo que fitara os olhos de Maya por tempo demais antes de responder.

– E como eu posso ajudar?

– Seu pai é um intelectual; uma pessoa que lê livros e sabe das coisas – disse Omar. – Você lembra de algum dos amigos dele que seja bem sabido e, principalmente, bem discreto?

– Alguém para quem Martin possa fazer perguntas sem chamar muito a atenção?

– Exato – Martin e Omar responderam em coro novamente.

Maya pensou por apenas alguns segundos e disse:

– Meu pai tem dois amigos muito esquisitos, mas que sei que são bem inteligentes. Os dois são meio malucos, bem acima da média dos outros amigos estranhos dele.

– Quem são?

– Juan Carbajal e Niels Fahr.

– Juan Carbajal, o canhoneiro? – perguntou Martin.

– Ele mesmo. Todos o conhecem, mas o que poucos sabem é que ele adora ler.

– Do outro, nunca ouvi falar – disse Omar.

– Segundo meu pai, Niels Fahr é um dos homens mais inteligentes e cultos da Vila, embora seja também bem excêntrico. Creio que é ele que você deva procurar, Martin.

– Para mim, parece bom. Onde posso encontrá-lo?

– Não faça a menor ideia – respondeu Maya contornando o balcão e parando junto deles. — Como disse, ele é muito excêntrico e paranoico, – não sei bem por que, – e ninguém sabe seu endereço, salvo os amigos mais próximos. Como vocês não devem perguntar para o meu pai, para não me meter em encrencas, sugiro que procurem o canhoneiro Carbajal. Ele deve conhecer o endereço de Niels Fahr.

– Gostei da ideia, Maya. Vou fazer isso no próximo horário de descanso.

– Depois me conte o que o canhoneiro maluco tinha para dizer – disse Maya sorrindo, e acrescentou: – E, Martin, tenha cuidado.

Ele assentiu sem jeito, enquanto as bochechas se incendiavam com a preocupação dela.

Naquele momento a atenção dos três foi capturada pelo som de pessoas correndo e gritando no lado de fora; o tumulto parecia vir da praça. Foram para junto da vitrine tentar enxergar alguma coisa, mas a multidão que se aglomerava, de costas para eles, os impedia de ver o que estava acontecendo.

Decidiram sair e entrar no meio do tumulto; abriram caminho com dificuldade e, por mais de uma vez, quase se perderam. Quando avançaram até próximo ao centro da praça, junto da estátua do capitão Robbins, avistaram o motivo do alvoroço. Atrás de um cordão de isolamento feito pelos Capacetes Escuros, a polícia da Vila, o senhor Alphonse estava afixando um cartaz em um suporte de madeira. Mesmo à distância, era possível ver que estava repleto de nomes. Todos sabiam do que se tratava: era a Lista.

A Lista era o conjunto de quarenta e cinco nomes dos que fariam parte da tripulação do próximo navio que deixaria a Vila. Era sempre divulgada um dia depois da partida da embarcação anterior – e o *Intrepid* havia partido na véspera. Esperar por ela era uma angústia muito grande para todos que tivessem homens com mais de dezesseis anos na família; qualquer um podia ser escolhido e, como todos sabiam, mas ninguém comentava abertamente, os navios quase nunca retornavam. Os nomes na Lista eram escolhidos pelos Anciãos e incluíam o capitão, os oficiais e o restante da tripulação.

A Vila contava com uma pequena frota de barcos pesqueiros, e poucos, além dos pescadores, sabiam realmente



velejar. Por esse motivo, os tripulantes escolhidos na Lista deveriam deixar suas funções e usar o tempo restante até a partida para se dedicar a aprender a navegar.

Observaram os Capacetes Escuros organizarem uma fila para que as pessoas pudessem consultar a Lista ordenadamente, uma de cada vez. Nenhum dos três soube ao certo por que, mas ficaram ali, imóveis, assistindo a fila andar à medida que cada um esquadrinhava os nomes impressos em busca de alguém conhecido. As reações eram variadas; alguns comemoravam não terem sido escolhidos com um sorriso tímido, quase imperceptível; outros colocavam as mãos na cabeça e olhavam para o céu. Dos que reconheciam um nome, ouvia-se um grito abafado, um suspiro ou ainda um gemido de dor. Alguns choravam em voz alta, mas eram poucos.

Vários minutos depois, quando a fila já estava diminuindo, uma mulher de meia-idade se deteve na frente do cartaz por um tempo mais longo que o habitual. Um Capacete Escuro tentou fazer com que ela andasse e deixasse o próximo da fila tomar seu lugar. Para surpresa de todos, ela o afastou com um safanão e gritou com os punhos cerrados:

– Malditos! -Eu tinha dois filhos, o primeiro vocês já mandaram para o Além-mar e ele nunca retornou. Agora o meu caçula... vocês não têm esse direito!

Num piscar de olhos, os soldados a agarraram pelos braços e a arrastaram em direção à Zeladoria, que ficava na quadra de trás, contígua aos fundos da Casa dos Anciãos. Todos sabiam para onde ela seria levada: para a masmorra da Zeladoria. O cumprimento da ordem e da Lei eram levados muito a sério pelos Anciãos, e os Capacetes Escuros não toleravam nenhum tipo de desrespeito às normas.

Depois do episódio, a multidão começou a se dispersar como se alguém tivesse soltado algum tipo de veneno na praça; logo, os três se viram quase sozinhos no local. Maya quebrou o silêncio:

– Às vezes, não entendo bem as nossas regras. Por que é que aquela mulher precisava ser presa? Ela só estava lamentando que os dois filhos tenham sido escolhidos para uma viagem sem volta.

– É estúpido – disse Martin, com o olhar perdido na direção da Casa dos Anciãos.

– Talvez você deva mesmo sair por aí fazendo perguntas, Martin – completou Omar, cabisbaixo.

Maya cruzou os braços, encolheu-se um pouco e disse:

– Eu não sei, não. Já perguntei essas coisas para o meu pai e tive a sensação de que, mesmo concordando com que eu dizia, ele fazia de conta que não. Acho que no fundo ele tem medo, como todos, de ir contra as regras e os costumes dos Anciãos.

– Lembro de quase sempre ter tido essa sensação com o meu pai – disse Martin.

– Eu não quero que você vá; esqueça tudo isso, Martin – disse Maya, segurando seu braço.

Martin olhou para ela e sorriu. Sentia-se o mais próximo de estar feliz do que já estivera nos últimos meses. Tinha seus amigos e podia contar com eles, e isso era uma coisa que valia muito. Perguntou-se se Maya não teria razão e se não deveria mesmo deixar tudo de lado; seu pai tinha desaparecido e aquilo era algo que ninguém poderia mudar. Talvez o mais sensato fosse refazer a vida e se concentrar nos amigos.

– Vamos fazer um trato – disse Martin, tomando as mãos de Maya. — Eu vou falar com o canhoneiro Carbajal hoje à noite. Se ele não me disser nada que valha a pena, o que acho provável, esqueço a coisa toda. Combinado?

– Está bem, mas tenha cuidado mesmo assim.

Maya olhou para o Grande Relógio e disse:

– Já é tarde, preciso voltar à livraria. Se o meu pai chega lá e não me encontra, ele me mata.

Despediram-se de Maya e ficaram parados na praça, sem saber o que fazer.

– Rapaz, essa menina é doida por você – disse Omar, dando-lhe um soco no ombro.

Martin cambaleou para o lado, devolveu o soco e disse:

— Omar, você é um retardado.

Ficaram parados por alguns minutos, assistindo à multidão se dispersar ainda mais. Com a praça quase vazia, Martin não teve dificuldades para reconhecer Noa caminhando na calçada, indo em direção à livraria do pai de Maya. Andava devagar, com a mesma postura de sempre: o nariz apontando para cima e os braços um pouco separados do corpo; tinha um leve gingado a cada passada, com um jeito de quem ignorava o mundo ao seu redor. Omar também percebeu a cena e disse:

– Você não sabia dessa, hein? Eu ia contar, mas como sei que você anda meio chateado e no fundo tem uma queda pela Maya, preferi esperar um pouco.

– Contar o quê? – Martin perguntou, subitamente com o coração batendo um pouco descompassado. A verdade é que ainda não levava a sério a possibilidade de ter mesmo uma queda por Maya.

– Esse seu primo convencido vive dando em cima dela. Acho que ele visita a livraria umas duas ou três vezes por dia.

– É mesmo...? – perguntou Martin com a voz se extinguindo; não sabia se queria saber de mais detalhes.

– Mas não se preocupe, acho que ela não está nem aí para ele.

Assistiram Noa entrar na livraria; instantes depois, ele já estava conversando com Maya junto ao balcão.

Martin deixou escapar um suspiro. Era só isso que lhe faltava: Noa voando em círculos ao redor de Maya.

Percebendo que o acontecido tinha arrasado ainda mais o estado de espírito de Martin, Omar decidiu arrastá-lo para longe da praça.

Como as entregas já tinham sido feitas, restava aos dois o fim do horário de trabalho para ficar na padaria, jogar conversa fora e implicar com as morfêlias. Martin, porém, decidiu partir. Não sentia mais vontade de fazer nada; a mente envenenada com a visão de Noa conversando com Maya na livraria. Por mais que tentasse, a coisa toda não lhe saía da cabeça. Despediu-se de Omar e foi embora.

Chegou cedo à casa do tio Alpíio para o jantar. Iria sair sorrateiramente no meio da noite, fazendo algo que era, a bem da verdade, um tanto ilegal. Por esse motivo, não queria criar atritos com ninguém e pretendia ser bem simpático durante a refeição.

Por sorte, Ofélia serviu o jantar cedo, o que lhe daria uma boa desculpa para subir para o quarto em seguida e escapar mais cedo para a aventura. Surpreendeu-se ao ver que, durante a refeição, não era só ele que se esforçava para

ser amável. O tio tentava agradá-lo de todas as formas:

– Martin, você podia falar para a Ofélia o que gosta de comer. Ela pode muito bem preparar os seus pratos favoritos; ninguém é obrigado a comer esta sopa toda noite.

– Obrigado, tio Alpio. Vou pensar no assunto.

– Onde está Noa? – perguntou Martin, percebendo a ausência do primo.

– Ele vai dormir na casa de um amigo hoje.

Ou estava jantando na casa de Maya, pensou, nauseado.

– Estive pensando, Martin – prosseguiu o tio –, você poderia trabalhar lá na Zeladoria comigo, ajudando a levar documentos, servindo chá e coisas desse tipo. Ficaríamos mais próximos e, além disso, poderia ser o início de uma boa carreira para você no futuro.

Agora a bajulação tinha passado dos limites: trabalhar com ele na Zeladoria!

– Obrigado, tio, vou pensar.

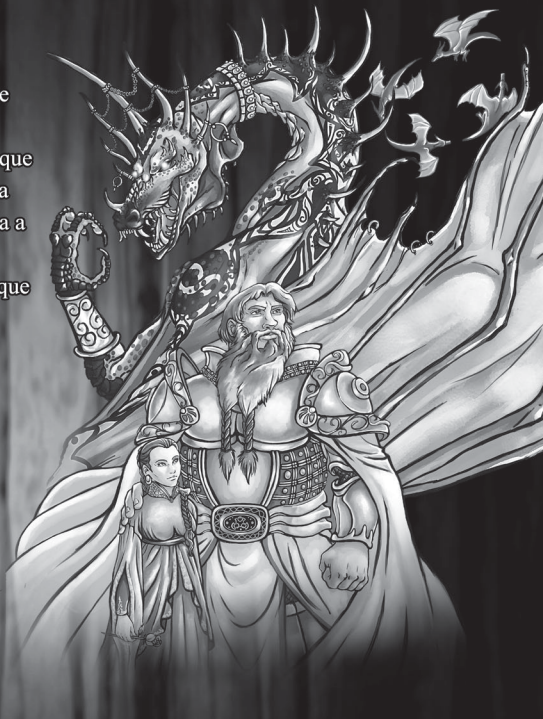
Quando achou que era possível se retirar para dormir sem despertar suspeitas, deu boa noite para o tio e subiu. Entrou vestido debaixo das cobertas, mas não adormeceu. O que estava prestes a fazer era arriscado – se o tio descobrisse, sem dúvida enfrentaria sérios problemas – e Martin mal podia controlar a excitação. No silêncio do quarto, não conseguia pensar em mais nada a não ser no passar dos segundos, que eram marcados pela forte batida do seu coração.

Esta é uma amostra do livro,  
apenas para fins de divulgação.  
Conheça mais sobre a obra em  
[www.tarjaeditorial.com.br](http://www.tarjaeditorial.com.br)

# TEMPOS · DE · ALGÓRIA

O Universo de Todos os Olhos é o local para onde todos que sonham são conduzidos pela Inconsciência. Ele existe desde que a primeira criatura pensante fechou os olhos e sonhou, moldando para si um pedaço do um universo em meio ao nada. Milhares de centenas de dezenas de anos puderam ser somados, antes que o universo alcançasse a Paz e a vida seguisse seu rumo. Até que em dado momento, o Nada percebeu que desejava existir outra vez... E a Paz foi sendo desmantelada a passos largos. Algo ocorria fora do universo, refletindo diretamente sobre ele. Uma catástrofe que ameaçou a vida dos habitantes, e seu Universo! Mas, seria somente neste universo? Algória!

Richard  
Diegues



## REINO DAS NÉVOAS

contos de fadas para adultos

Camila  
Fernandes



Gosto de Contos de Fadas. Todos gostam. Crescemos com eles em nossa memória. E, então, chegamos à vida adulta e aprendemos que nem tudo neles é realmente factível na vida real. Enfim, começamos a nos perguntar: o que foi escondido pelos escritores que, ao longo dos tempos, foram adaptando, lapidando e moldando essas lendas para torná-las palatáveis? O que nossos pais esconderam sutilmente de nós enquanto os liam na cabeceira de nossas camas? Agora que somos adultos, procuramos por essas respostas.